

NOTAS

GEOGRAFIA E TECNOBUROCRACIA

Melhem Adas

O significado que no processo histórico a Segunda Guerra Mundial acabou tendo tornou mais evidente os grandes desníveis sociais e econômicos entre os povos. À medida que os países mais diretamente ligados ao conflito mundial, como os Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, URSS, Itália e Japão, mostravam o seu poderio bélico, consolidou-se com maior intensidade a percepção de hegemonias e dependências econômicas e, conseqüentemente, políticas.

O poderio bélico, mostrado ou exteriorizado, representava a posse ou mesmo o monopólio, por parte desses países, da ciência e da técnica, fruto de todo um passado histórico, como também de estímulos decorrentes do próprio conflito mundial.

O grande desenvolvimento tecnológico e científico se configurava como o novo fator estratégico de produção e dominação, representando a supremacia industrial de um pequeno número de países em relação ao conjunto mundial. O conhecimento científico e principalmente tecnológico, desenvolvido segundo as necessidades dos diferentes momentos históricos, possibilitou que se esboçasse uma nova categoria social representada pelos técnicos, com o conseqüente aumento de seu poder sobre as sociedades.

E, portanto, durante e após a Segunda Guerra que se evidenciou a separação de um mundo urbano-industrial desenvolvido, ao lado de um mundo rural-agrário subdesenvolvido e dependente.

A existência do monopólio científico e tecnológico a partir das chamadas grandes potências possibilitou uma verdadeira liderança nas relações internacionais exercidas por elas. Essa situação tem raízes no processo histórico deslanchado principalmente com a ampliação do horizonte geográfico nos séculos XV e XVI, que possibilitou o aparecimento da Revolução Comercial e a difusão do mercantilismo, a manutenção do capitalismo, que se transfigura com os progressos da industrialização, e a participação cada vez maior do Estado como instrumento de gestão.

Podemos então dizer que a Segunda Guerra, como fato histórico, elevou o nível de consciência dos povos em relação aos grandes desníveis econômicos e sociais entre eles. Apareceram, a partir daí, com maior intensidade, indagações que refletiam o grau de insatisfação dos homens com a situação vigente, isto é, com a situação e permanência de um mundo dividido em nações ricas e nações pobres, entre dominadores e dominados.

Economistas, sociólogos e outros especialistas lançaram-se às pesquisas em direção à teoria econômica. Levantaram inúmeras hipóteses e variáveis para explicar a situação de um mundo dividido em espaços desenvolvidos e subdesenvolvidos. A própria literatura científica publicada após a Segunda Guerra, no âmbito das ciências sociais e humanas, retrata a preocupação com o tema "desenvolvimento e subdesenvolvimento". Inúmeros estudos foram publicados em Sociologia do Desenvolvimento, Economia do Desenvolvimento e Teoria do Desenvolvimento, e mesmo a Geografia voltou-se para questões ligadas a essa nova tomada de consciência. Assim sendo, o ambiente do pós-guerra estimulou o aparecimento de uma verdadeira ideologia do desenvolvimento, ou desenvolvimentista, com implicações várias nos níveis político, econômico e social dos países, como também entre blocos de países. Manifestou-se, de maneira crescente, uma certa consciência difusa em relação a essa situação de desequilíbrio entre os países, surgindo daí movimentos nacionalistas na África, na Ásia e na América Latina.

A valorização dos movimentos nacionalistas foi entendida por muitos como a única atitude capaz de romper as amarras do subdesenvolvimento e fornecer aos países que sofrem sob seu peso as condições necessárias de controle e decisão do aproveitamento de seus recursos, principalmente os naturais e, conseqüentemente, de ditar a sua política econômica. Diante de tal situação, foi valorizada a atuação e intervenção do Estado como órgão disciplinador da atividade econômica, política e social. Contudo, diante da nova realidade, o Estado teve que se aparelhar para a nova orientação, seja ela ou não de caráter nacionalista. O papel da técnica como fator estratégico de produção foi valorizado. Ao lado da ideologia do desenvolvimento surgiu, nessas circunstâncias, a revolução tecnoburocrática. Esta manifestou-se à medida que o Estado ampliou suas funções, aumentando em importância o seu papel disciplinador da ordem sócio-econômica, condição que levou o poder tecnocrático a se afirmar.

Dentro dessa nova realidade social, novas orientações foram buscadas para nortear o papel da Geografia. Mesmo durante a crise de 1929, principalmente nos Estados Unidos, uma nova orientação por

parte dos geógrafos se estruturava. A Geografia norte-americana voltou-se para as investigações aplicadas, como aponta Michel Philipponneau. A própria administração federal dos Estados Unidos, ou a administração dos Estados, das cidades e mesmo das empresas particulares, solicitaram a presença do conhecimento geográfico, do conhecimento de "áreas", como dizem os geógrafos norte-americanos. Atualmente, os geógrafos não universitários nos Estados Unidos são mais numerosos que os professores e fazem aquilo que se convencionou chamar de Geografia Aplicada. Esta mesma tendência é possível de ser observada em muitos outros países, principalmente os anglo-saxões.

Essa orientação, contudo, por parte de muitos geógrafos, em tornar a Geografia uma ciência "mais" operacional (técnica) corre o risco de levar os menos prevenidos ou menos avisados a não perceberem a indissolubilidade existente entre a ação operacional e a ciência fundamental. Pois "a ciência fundamental, aparentemente gratuita, supérflua, não diretamente operacional, é imprescindível para que exista uma ciência nada gratuita, nada supérflua e bem operacional" (CARVALHO, 1972:66). Principalmente para os países subdesenvolvidos, a ciência fundamental assume uma importância estratégica para a sua independência, notadamente quando presenciemos a existência de um verdadeiro "colonialismo tecnológico", que chega a drenar boa parte dos escassos recursos de capitais de muitos países que procuram o desenvolvimento. Devemos reconhecer, portanto, que a realidade e a história dos países subdesenvolvidos são diferentes das dos países que atingiram o desenvolvimento.

A grande reviravolta no pensamento geográfico se consolidaria, no entanto, após a Segunda Guerra e atingiria seu apogeu na década de 60. Com o artigo de I. Burton em 1963, publicado no *The Canadian Geographer*, tornou-se comum falar em Geografia Quantitativa ou Revolução Quantitativa na Geografia, posição essa consagrada principalmente pelos geógrafos anglo-saxões e que chegaria ao ambiente geográfico brasileiro pelos anos de 1967 e 1968, notadamente assimilada por um grande número de geógrafos do Instituto Brasileiro de Geografia, órgão vinculado ao Ministério de Planejamento e Coordenação Geral.

A chamada Geografia Quantitativa, também denominada Teórica, segundo muitos de seus seguidores caracteriza-se, em linhas gerais, pela valorização da aplicação de técnicas de análise, através de procedimentos mecanográficos, e busca edificar uma nova ordem teórica fundamentada na construção de modelos matemático-físico-estatísticos. Assim sendo, a linguagem matemático-físico-estatística tor-

nou-se de uso corrente pelos geógrafos filiados a essa orientação, dentro da perspectiva de que há necessidade de quantificar para melhor qualificar. Essa posição foi e ainda é defendida pelo fato de que, tendo a Geografia a superfície terrestre como objeto de estudo, e de que a mesma lida com fenômenos naturais, biológicos e sociais, portanto com "n" variáveis, teria que recorrer a procedimentos matemáticos e estatísticos. Apelou-se, assim, para o computador, que é hoje para a Geografia Quantitativa, como para outras ciências sociais e humanas também impregnadas da nova tendência, um instrumento imprescindível para estabelecer as correlações dos conteúdos espaciais e chegar a estabelecer suas combinações. Permite assim, o computador, o recurso do exame simultâneo de uma quantidade enorme de variáveis e combinações espaciais, até o ponto de estabelecer um "modelo do que seria a realidade" (GEIGER, 1970:68). Dentro desta perspectiva, o emprego da Teoria Geral dos Sistemas pela Geografia Quantitativa foi valorizado, e conseqüentemente a Análise de Sistema.

Não é propósito deste artigo estabelecer as vantagens ou as limitações que tal orientação na Geografia pode oferecer. A finalidade é tentar demonstrar, pelo menos como primeira tentativa ou em nível de levantamento de problema, que existe estreita relação entre o aparecimento da Geografia Quantitativa e sua cristalização em alguns países anglo-saxões e sua exportação para outros países, com o surgimento da tecnoburocracia, concebida aqui como o governo dos técnicos.

A medida que reconhecemos que o passado da Geografia não foi muito brilhante, ou que a sua história não foi das mais felizes, podemos reconhecer tanto no seu passado como no presente seu caráter utilitário e, por que não dizer, ideológico. A Geografia esteve voltada ou foi sensível em muitas de suas fases à conjuntura, atendendo a interesses de grupos ou de classes, justificando inclusive a ação de intervenção ou de expansão territorial de muitos Estados. "A pior das caricaturas da Geografia Aplicada da primeira metade do século XX foi a Geopolítica, justificando automaticamente qualquer reivindicação territorial, qualquer pilhagem por pseudo-argumentos científicos" (GEORGE, 1966:14).

Se vivemos agora em um mundo dominado cada vez mais pela ideologia racionalista tecnoburocrática, a Geografia, ao lado das demais ciências humanas e sociais (dentro de um certo nível de generalização), volta a impregnar-se dos valores ideológicos da época, isto é, da tecnoburocracia, compatibilizando sua perspectiva com a da gestação atual dos sistemas econômicos, políticos e sociais. Pouco a pouco, vários setores da vida social se tecnoburocratizam, estabelecen-

do inclusive um novo sistema de relações cidade-campo, decorrente da conquista do espaço rural pelos cidadãos, motivados por esquemas publicitários montados por grandes empresas imobiliárias, através de apelos emocionais. O meio ambiente ou a paisagem, utilizando a linguagem tradicional da Geografia, é colocado a serviço dos negócios através de um alto grau de racionalização. A publicidade desencadeia "uma necessidade dos habitantes das grandes cidades, o aparecimento de novos objetos de prestígio social e a organização de um verdadeiro mercado" (KAYSER, 1972:214). Fala-se hoje em Geografia do Turismo, ou pode-se até falar na Geografia como forma do fenômeno da sociedade do consumo, isto é, uma disciplina utilitária, segundo a expressão de Pierre George.

Percebe-se assim a violenta guinada de orientação existente na Geografia. De uma Geografia humanística, passou-se para uma Geografia orientada para a tecnologia do território ou do espaço. Esta antinomia reflete a caminhada em direção a uma Geografia que em suas aplicações práticas tende muitas vezes a ignorar ou negligenciar os valores humanos ou o seu caráter de ciência humana, ou mesmo de uma Geografia concebida como fruto da pesquisa histórica.

A nova perspectiva tecnológica da Geografia confunde-se, portanto, com o momento histórico em que vivemos, em que a tecnoburocracia assume cada vez mais um papel proeminente na vida das coletividades humanas. "Entendida nesses termos, a tecnoburocracia identifica-se com a civilização ocidental moderna. Embora essencialmente dinâmica (porque baseada no desenvolvimento tecnológico), ela também se identifica com o *status quo*, com a preservação e aperfeiçoamento da cultura vigente, seja em sua forma pretensamente capitalista, seja em sua forma pretensamente socialista" (PEREIRA, 1972:110).

A chamada revolução quantitativa da Geografia pode ser interpretada como o esforço de criar uma nova tecnologia para a solução dos problemas criados pela organização territorial. Se a técnica é o denominador-comum da Geografia Quantitativa e da tecnoburocracia, percebe-se assim a estreita relação entre ambas, ou talvez pudéssemos dizer que a primeira é o resultado da segunda.

A preocupação da Geografia em torno da organização do espaço retrata a ideologia desenvolvimentista em que vivemos, como parte integrante da tecnoburocracia.

Tomou-se subitamente consciência dos perigos decorrentes de um liberalismo total na organização do espaço e da ausência de previsões no domínio econômico. Tal conduta decorre do deslocamento do fator estratégico de produção através da história, devido ao violento

desenvolvimento das forças produtivas a que assistimos. A terra como fator de produção foi substituída pelo capital e posteriormente, ou atualmente, diante do desenvolvimento tecnológico, o conhecimento tecnoburocrático começou a substituir o capital como fator estratégico de produção. As relações de tais deslocamentos de pólos passaram a abalar ou modificar a estrutura do poder político e, conseqüentemente, decisório. O poder de decisão da vida social, econômica e política foi absorvido em parte pela nova estrutura de poder — a tecnoburocracia — superando muitas vezes o capital.

Dentro desta perspectiva, boa parte dos interessados na construção do saber, assim como os que atuam nos quadros da administração, tornam-se técnicos. O geógrafo — a Geografia — volta-se também para o desenvolvimento de um “esforço” de compatibilidade com as exigências do novo momento histórico, impregnando-se do racionalismo tecnocrático. Essa tendência, como já foi sublinhado anteriormente, é manifestada através da Geografia Quantitativa, fruto de uma época, fruto de indecisões e de contradições estruturais.

Fala-se em crise da Geografia ou em orientações diversas. Contudo, acreditamos que, se existe crise, ela advém muito mais de suas fraquezas metodológicas ou de indecisões em torno de seus fundamentos epistemológicos, que a coloca em uma situação de fácil manipulação pela postura tecnicista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAS, Melhem (1974) — *Estudos de Geografia*. São Paulo, Editora Moderna.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de (1972) — *Da História-Crônica à História-Ciência*. Lisboa, Livros Horizonte Ltda.
- CHORLEY, Richard J. (1974) — *Modelos Integrados em Geografia*. Coordenação de R. J. Chorley e P. Hagget. São Paulo, Livros Técnicos e Científicos Editora S. A. e Editora da USP.
- DEUTSCHER, Isaac (1973) — *As Raízes da Burocracia*. Porto, Publicações Escorpião.
- GALVAO, M. Velloso e FAISSOL, Speridião (1970) — *A Revolução Quantitativa na Geografia e seus Reflexos no Brasil*. Revista Brasileira de Geografia, 32(4).
- GEIGER, P. Pinchas (1970) — *Renovação na Geografia*. Revista Brasileira de Geografia, 32(1):68.
- GEORGE, Pierre (1966) — *A Geografia Ativa*. São Paulo, Difusão Européia do Livro e Editora da USP.
- (1972) — *Os Métodos da Geografia*. São Paulo, Difusão Européia do Livro.

KAYSER, Bernard (1972) — *El Espacio Rural y el Nuevo Sistema de Relaciones Ciudad-Campo*. Revista de Geografía (do Departamento de Geografía da Universidade de Barcelona), 6(2):214.

MALDONADO, Tomás (1972) — *Ambiente Humano e Ideologia — Notas para uma ecologia crítica*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión.

PEREIRA, L. C. Bresser (1972) — *Tecnoburocracia e Contestação*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda.

PHILIPPONNEAU, Michel (1960) — *Géographie et Action — Introduction à la Géographie Appliquée*. Paris, Librairie Armand Colin.

RESUMO

A finalidade deste artigo é demonstrar, pelo menos como primeira tentativa ou em nível de levantamento de problema, que existe estreita relação entre o aparecimento da Geografia Quantitativa, sua cristalização em alguns países anglo-saxões e sua exportação para outros países, e o surgimento da tecnoburocracia, concebida como o governo dos técnicos.

Passou-se de uma Geografia humanística para uma Geografia orientada para a tecnologia do território ou do espaço. Isso reflete uma caminhada para a tecnologia do território ou do espaço. Isso reflete uma caminhada para a tecnologia do território ou do espaço. Isso reflete uma caminhada para a tecnologia do território ou do espaço. Isso reflete uma caminhada para a tecnologia do território ou do espaço. Isso reflete uma caminhada para a tecnologia do território ou do espaço.

Acreditamos que, se no momento atual existe crise na Geografia, ela advém de suas fraquezas metodológicas ou de indecisões em torno de seus fundamentos epistemológicos, que a coloca em uma situação de fácil manipulação pela postura tecnicista.

SUMMARY

The object of this article is to demonstrate, at least as a first trial or at problem survey level, the existence of a narrow relationship between the emergence of Quantitative Geography, its crystallization in some Anglo-Saxon countries and its exportation to other countries, with the emergence of technoburocracy, here conceived as the technicians government.

Humanistic Geography was transformed into a Geography that is based on the space and territory technology. This reflects a move towards a Geography that, in its practical implications, often tends to ignore or to neglect human values or its character of human science, or even of a Geography conceived as a fruit of historical research.

We believe that if in the present days a crisis exists in Geography, it is due to methodological weakness or to indecisions about its epistemological fundamentals, which place it in a situation of easy manipulation by the technicist posture.

